

HOMENAGEM

PROF. THOMAZ MARCONDES DE SOUZA (*).

NICOLAU DUARTE SILVA

Do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

Na tarde de terça-feira, dia 13 de agosto, os parentes e amigos de Thomaz Oscar Marcondes de Souza foram acompanhar os despojos desse velho professor ao Cemitério da Consolação, onde foram sepultados.

Ali, ao lado de alguns companheiros do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo — e do Departamento de História da Universidade de São Paulo — entre os quais o presidente do sodalício, acadêmico Aureliano Leite, e do diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, Prof. Eurípedes Simões de Paula. Em nome do Instituto falou o orador oficial Alfredo Gomes. Este, em breves, mas pungentes palavras, ressaltou os dotes de inteligência e a operosidade com que o antigo “sócio grande benemérito” havia pontilhado sua longa e profícua existência em prol de nossa História, perpetuando-a nas páginas da “Revista” da tradicional instituição cultural e em outras publicações.

Convivendo com ele durante cêrcade quarenta anos, principalmente nas reuniões do Instituto, sentimo-nos na obrigação de testemunhar, ainda que nestas páldas linhas algo a seu respeito.

Orgulhava-se de ser trineto de Antônio Marcondes do Amaral, da ilha de São Miguel dos Açores e que foi o tronco da família Marcondes do vale do Paraíba, mas não escondia, por outro lado, sua simpatia pela Itália. Casou-se mesmo com uma jovem originária dali, de Crotona, na Calábria, a sra. d. Rosa Aquilino, a 6 de maio de 1905. E seu “ex-libris”, por sôbre uma embarcação quinhentista, apresenta o nome dos Marcone, a recordar o Dionízio, de tal família, o qual, segundo tradição familiar, após servir como embaixador de Veneza em Madrí, caiu em desgraça e através de Lisboa se refugiou nos

(*) . — Reproduzimos, devidamente autorizados, o trabalho de Nicolau Duarte Silva em homenagem ao nosso colaborador — Prof. Marcondes de Souza. O artigo foi publicado no “Jornal do Comércio”, do Rio de Janeiro, em 22 de setembro de 1968 (pág. 4). (Nota da Redação).

Açores, onde casou com uma natural da região, d. Maria Vieira, e ali se estabeleceu.

Nascido em Pindamonhangaba, na então Província de São Paulo, a 24 de novembro de 1883, vinha realmente, de longa data, perscrutando os domínios da História, especialmente a marítima.

Seu primeiro livro, concluído em dezembro de 1911 e lançado em princípios de 1912, mereceu a honra, invejável, de um prefácio de Capistrano de Abreu. Intitulado “A descoberta da América e a suposta prioridade dos portugueses de acôrdo com a história e a cartografia americana vetustíssima”, voltou a despertar os cuidados do autor, que o reviu, ampliou e reeditou em 1944, dedicando-o à “Espôsa que tanto me encorajou a escrever êste livro”. Na nova edição, foram elevadas para 245 as primitivas 131 páginas do volume.

Os votos do prefaciador felizmente foram ouvidos. Dizia êle: “O amor exclusivo da verdade inspira o sr. Marcondes de Souza. Que não fique neste primeiro livro é o desejo dos que o leram”.

Apesar de nosso ambiente não ser muito propício para tal gênero de estudos, ainda assim conseguiu o professor Marcondes de Souza despertar a atenção dos cultores da história dos descobrimentos marítimos, impondo-se com um verdadeiro mestre no assunto. Desde então e até aos derradeiros dias de vida acompanhou com grande interesse o que a tal respeito se publicou aqui e no estrangeiro, procurando transmitir ao público seus pontos de vista. Evidentemente nem sempre podemos concordar plenamente com êles, dada a complexidade de que se revestem, mas cumpre reconhecer que se inspiravam no amor à verdade e tinham a alicerçá-los longo e profundo estudo das melhores fontes.

Carteeando-se com personalidades de projeção mundial na matéria, conhecia nos menores detalhes os pontos controversos acêrca de determinado fato e estava, portanto, habilitado a emitir opinião segura antes que êle se tornasse público. Entre elas, por exemplo, contava-se o almirante Gago Coutinho (1869-1959), de saudosa memória, cuja troca de correspondência foi longa e variada. E supomos que sobremaneira valiosa porque nem sempre ambos estiveram de acôrdo em suas conclusões, particularmente no que toca ao descobrimento intencional ou não do Brasil. E’ possível que um dia ela venha a ser divulgada. Talvez no próximo ano, a 17 de fevereiro, em que ocorre o centenário de nascimento do celebrado autor de “A Náutica dos Descobrimentos”, pois encontra-se na Sociedade de Geografia de Lisboa, por generosa oferta do seu recém falecido sócio brasileiro, na “Sala Gago Coutinho”, ali criada por Júlio Gonçalves (1881-1963). Aqui fica a idéia.

Em trabalhos publicados por renomados autores internacionais é comum encontrar-se o nome do nosso patrício, com os títulos de seus principais estudos. Exemplificando: Duarte Leite, em "História dos Descobrimentos", 1º volume, Lisboa, 1958, pp. 339, 343, 631, 632, 635-640, 642-648, 650, 651 e 667; Jaime Cortesão, em "Los Portugueses", Tomo III, 2ª edição, Barcelona, 1961, de "Genesis del Descubrimiento", de "Historia de América y de los pueblos americanos", de Antonio Ballesteros Beretta, pp. 600 e 771; *idem*, em "Os Descobrimentos Portugueses", 2º volume, Lisboa, 1960, p. 101; Damião Peres, em "História dos Descobrimentos Portugueses", Pôrto, 1943, pp. 285, 287, 288 e 353; *idem, idem*, Segunda edição, Coimbra, 1960, pp. 186, 187, 302-303, 342, 356-357, 359, 438, 461, 464, 465, 474, 489, 491, 492, 506-507, 510, 512-513, 514 e 520; José Alberto Aboal Amaro, em "Amerigo Vespucci. Ensayo de bibliografía critica" Madrí, 1962, pp. 88-98; Roberto Almagia, em "A proposito di un recente libro e di altri scritti su Amerigo Vespucci", na "Rivista Geografica Italiana", da "Società di Studi Geografici", de Florença, de março de 1956, p. 13; Roberto Levilier, em "T. O. Marcondes de Souza — Algumas achegas à história dos descobrimentos marítimos", na "História — Revista Trimestral de História Argentina, America y Española", de Buenos Aires, nº 13, de julio-setiembre de 1958, p. 128; Júlio Gonçalves, em "Gago Coutinho. Geógrafo. 1869-1959", Lisboa, 1959, p. 10; e, finalmente, para fechar a enumeração com chave de ouro, Gago Coutinho, em "O Descobrimento do Brasil (Visto do mar)", Lisboa, 1947, pp. 1-2, 4-5, 7, 10-11 e 16; *idem*, em "Ainda Gaspar Côrte-Real", Lisboa, 1950, p. 1; e *idem*, em "O "acaso" de Cabral. Reflexões técnicas", Lisboa, 1956 (Separata do Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa, de outubro-dezembro 1956), pp. 397 e 399.

Sua paixão, como ficou dito, eram os fatos relacionados com os descobrimentos marítimos, a respeito dos quais poderia discorrer, proveitosamente, durante horas e horas enriquecendo suas conclusões com opiniões dos mais autorizados autores nacionais e estrangeiros. Tratando-se então de Américo Vespucci, demonstrava possuir os mais profundos conhecimentos, que não perdia ocasião de manifestar em escritos, aulas, debates ou simples palestras.

Entretanto, de agosto de 1915 a novembro de 1916, publicou uma série de artigos de fundo econômico, no "Jornal do Commercio" (secção de São Paulo) e na "A Gazeta", além de um livro, "O Estado de São Paulo (físico, político, econômico e administrativo)", impresso em 1915, e de outro, "A França Caluniada", lançado em 1923.

Em volume, além dos referidos, deixou mais: “O Descobrimento do Brasil”, publicado em 1946, como nº 253 da “Brasiliana”, com segunda edição em 1956, contendo opiniões elogiosas de autoridades como Afonso de E. Taunay, Samuel Eliot Morrison, William B. Greenlee e Enrique de Gandia; “Amerigo Vespucci e suas viagens”, em boletim nº 105 da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, de 1949, e em segunda edição, em 1954; e “Algumas achegas à História dos Descobrimientos Marítimos”, em 1958. De menor porte, deixou ainda, entre outros, “A expedição de 1501-1502 de Amerigo Vespucci”, de 1949, e “O acadêmico Gustavo Barroso e o seu processo ‘sui generis’ de cuidar da história”, de 1950.

Admitido, em 20 de outubro de 1910, no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, dotou as páginas de sua “Revista”, entre outros, com os seguintes estudos: “O calendário mexicano” (v. XIV, de 1909); “Relação do Piloto Anônimo” (v. XLV, de 1950); “Um suposto descobrimento do Brasil antes de 1448” (v. XLVI, de 1951); “A expedição de 1501-1502 e Amerigo Vespucci” (v. XLIX, de 1952), além de um “Pequeno esboço geográfico do Estado de São Paulo”, na obra “São Paulo em Quatro Séculos”, 1º volume, editado em 1953 pelo mesmo Instituto.

Depois de lecionar, durante algum tempo, Geografia Econômica, na Faculdade de Ciências Econômicas da Fundação “Álvares Penteado”, e após ministrar, em 1947, um curso de extensão aos alunos da cadeira de História da Civilização Brasileira, da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, sobre “Amerigo Vespucci e suas viagens”, passou a ocupar, a partir de 1957 e até recentemente, a cadeira de professor visitante de História dos Descobrimientos Marítimos do mencionado estabelecimento educativo.

E’ então que desenvolve grande atividade publicitária, como membro da Comissão de Redação da “Revista de História”, órgão do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo e da Sociedade de Estudos Históricos.

Entre outros, divulgou, por êsse tempo, na mencionada publicação os seguintes trabalhos: Nota sobre “Ecos do IV Congresso de História Nacional. A expedição de 1501-1502 e Amerigo Vespucci — Réplica ao prof. Damião Peres”, nº 3 (1950); Nota sobre “Uma suposta raridade bibliográfica sobre o Brasil”, nº 5 (1951); Resenha do livro de Bolívar Bordallo da Silva “Fatores dos descobrimientos e conquistas no século XV”. Belém do Pará, 1946, nº 5 (1951); Nota sobre “Ecos do IV Congresso de História Nacional. Resposta ao prof. Damião Peres”, nº 6 (1951); Nota acerca de “Uma suposta

raridade bibliográfica sobre o Brasil”, nº 7 (1951); Resenha do livro “Americo Vesputio — El Nuevo Mundo — Cartas relativas a sus viajes y descubrimientos — Textos en italiano, español y inglez — Estudio preliminar de Roberto Levillier”. Buenos Aires, 1951, nº 9 (1952); *Idem* do livro de Alexandre Gaspar da Naia “D. João II e Cristóbal Colón, fatores complementares na consecução de um mesmo objetivo”. Lisboa, 1951, nº 11 (1952); “Ainda a suposta escola naval de Sagres e a náutica portuguesa dos descobrimentos”, nº 13 (1953); “A grande capacidade náutica de Colombo”, nº 14 (1953); Nota “A propósito de Amerigo Vespucci”, nº 14 (1953); “Amerigo Vespucci e a prioridade do descobrimento do Brasil”, nº 18 (1954); Nota: “Considerações em torno de um livro de Pe. Serafim Leite sobre a fundação de São Paulo”, nº 18 (1954); Nota: “Vaidade nacional ou monomania?”, nº 19 (1954); Noticiário “Congresso de História comemorativo do IV Centenário da Fundação de São Paulo”, nº 19 (1954); Nota “Algumas considerações em torno de uma nova lição do padre Serafim Leite relativa à fundação de São Paulo”, nº 20 (1954); Nota: “William Brooks Greenlee (1872-1953)”, nº 23 (1955); “O Professor Duarte Leite e um pára-queda da História”, nº 24 (1955); “A carta náutica de 1424 da Biblioteca da Universidade de Minnesota e o suposto descobrimento pré-colombiano da América”, nº 26 (1956); Resenha do livro de Duarte Pacheco Pereira “Esmeraldo de Situ Orbis”, 3ª edição com introdução e anotações históricas pelo professor Damião Peres”, Lisboa, 1954, nº 26 (1956); *Ecce Interum Crispinus*”, nº 27 (1956); “Algumas considerações em torno de um estudo do Visconde de Lagoa sobre a história da geografia da expansão portuguesa”, nº 29 (1957); “O descobrimento do Brasil e um jovem polígrafo”, nº 30 (1957); “Uma recente biografia de Fernando de Magalhães”, nº 31 (1967); “A fundação de São Paulo, capital geográfica do Brasil”, nº 32 (1957); “A primeira viagem de Amerigo Vespucci”, nº 33 (1958); “Uma explicação necessária”, nº 33 (1958); “A monomania invade o campo sereno da História”, nº 33 (1958); “A política de sigilo dos monarcas portugueses da época dos descobrimentos marítimos”, nº 34 (1958); “Algumas considerações em torno do colóquio de história marítima realizado em Paris em 1956”, nº 34 (1958); “O ato notarial de Valentim Fernandes de 20 de maio de 1503”, nº 34 (1958); “Toscanelli e a circunavegação da África pelos portugueses”, nº 37 (1959); “A circunavegação da África na Idade Média”, nº 38 (1959); “A primeira viagem de Vasco da Gama à Índia”, nº 40 (1959); “A astronomia náutica na época dos descobrimentos marítimos. Ensaio crítico”, nº 41 (1960); “A expedição portuguesa ao Brasil em 1501-

-1502 e Amerigo Vespucci”, nº 42 (1960); Resenha do livro de Carlos Sanz “El grand secreto de la carta de Colón (Crítica histórica y outras adiciones a la Bibliotheca Americana Vetustissima)”, nº 42 (1960); Nota: sôbre “O descobrimento do Brasil (Questões correlatas)”, nº 43 (1960); Resenha do livro de Francis M. Rogers “The Obedience of a King of Portugal, translated, with commentary”, nº 43 (1960); Nota acêrca de “O Infante D. Henrique e a Escola Naval de Sagres (Um reparo à “História do Brasil” do acadêmico Pedro Calmon)”, nº 44 (1960); Noticiário: “Jaime Cortesão (1884-1960)”, nº 44 (1960); “Diogo de Teive e Pedro de Velasco, supostos descobridores do banco da Terra Nova”, nº 45 (1961); Nota sôbre “Agricultores portugueses no Brasil antes de arribada de Álvares Cabral?”, nº 46 (1961); Resenhas bibliográficas sôbre os seguintes livros de Carlos Sanz: “Bibliotheca Americana Vetustissima (Últimas Adciones)”, “Henry HARRISSE, Príncipe de los Americanistas. Su vida. Sua Obra com nuevas adiciones a la Bibliotheca Americana Vetustissima” e “La carta de Colon anunciando la llegada a las Indias y a la Provincia de Catayo (China)”, nº 46 (1961); “O conhecimento pré-colombiano do Brasil pelos portugueses”, nº 47 (1961); Resenha bibliográfica do livro de Carlos Sanz “La Geographia de Ptolomeo con los primeros mapas impressos de América, desde 1507”, nº 47 (1961); “A viagem de Fernão de Magalhães e Amerigo Vespucci”, nº 48 (1961); Resenha bibliográfica do livro de Carlos Sanz “Reprodução fac-similar da Biblioteca Americana Vetustissima. A Description of Works Relating to America Published Between the years 1492 and 1551 e Additions”, por Henry HARRISSE, nº 48 (1961); “O financiamento da grande empresa de Cristóvão Colombo”, nº 50 (1962); “O descobrimento da América. O Tratado de Tordesillas e as Molucas”, nº 51 (1962); “Um suposto descobrimento do Brasil antes de 1498”, nº 52 (1962); “A concepção geográfica portuguesa após o descobrimento da América”, nº 53 (1963); “A divulgação pela imprensa da notícia do descobrimento do Brasil por Álvares Cabral”, nº 58 (1964); “A viagem de Pedro Álvares Cabral sob o ponto de vista náutico”, nº 59 (1964); e “A carta de Pero Vaz de Caminha e o descobrimento casual do Brasil”, nº 61 (1965).

Num rápido julgamento diante do rol da produção histórica do professor Marcondes de Souza, já temos elementos para aquilatar de sua capacidade, que ultrapassou as fronteiras do Brasil, projetando-se nos melhores centros culturais do Universo.

Entretanto, ela ainda se espalhou pela imprensa, em atas de congressos e revistas especializadas, podendo ser encontrada, entre

outros, nos seguintes jornais: “A Gazeta”, de 1917; “O Estado de São Paulo”, de 1945; “Jornal do Commercio”, do Rio de Janeiro, de 1950 e de 1953.

Um dos seus últimos artigos é o que figura na “Anchietana”, da Comissão Nacional para as Comemorações do “Dia de Anchieta”, sob o título de “A fundação de São Paulo e José de Anchieta”, de 1965.

Além dos mencionados, pertenceu a outros institutos de cultura histórica ou geográfica, entre os quais: à Sociedade de Estudos Histórico da Universidade de São Paulo, Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, de Sergipe, da Bahia e do Uruguai; Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas; Società di Studi Geografici de Firenze e Sociéte des Americanistes de Paris. Possuía algumas condecorações estrangeiras.

Por duas vezes estêve na Europa. Pouco depois de casar-se, quando visitou terras da família de sua espôsa, no sul da Itália, e em 1951, em uma viagem de estudos, recolhendo material e estreitando relações com professôres e amigos.